

“O Que é Leitura” por seus leitores

Sara Andrade¹

Na obra “O Que é Leitura?” a autora Maria Helena Martins propõe uma reflexão sobre as noções de leitura existentes. Para tanto, inicia seu contato com o leitor lhe colocando uma indagação: *será que ler é apenas decodificar símbolos lingüísticos?*

Antes de examinar a matéria nos seus detalhes, a autora nos impõe um resgate de nossos conceitos de leitura, construídos, em regra, pelas impressões que possuímos de nossas experiências no ato de ler. Indagar ao leitor sobre algo que o próprio autor “deveria” esclarecer parece ser ‘curioso’, contudo, quando estamos diante daquele texto “invertido” percebemos duas de suas mais ricas características:

A primeira, como já colocado, é o convite à reflexão. Reflexão não apenas sobre o que entendemos sobre a leitura, mas sobre o que mais poderíamos ler além do texto escrito.

A outra característica é a proposta de interação com o texto, ou seja, somos convidados a participar do texto, na sua compreensão, a medida em que emprestamos nossas experiências pessoais para dar-lhe sentido e significado. Ao decifrarmos a obra, vamos experimentando os vários níveis de leitura existentes sem nos darmos conta disto.

Como resposta a esta indagação, descobrimos, junto com a autora, que somos capazes de ler várias outras expressões do fazer humano, como imagens, olhares, mãos (quiromancia), músicas e tudo aquilo a que pode ser atribuído um significado. Enfim, podemos ler o mundo.

E é na leitura de nosso mundo particular que damos os primeiros passos no ato de ler. É a partir das impressões que experimentam nossos sentidos, do envolvimento afetivo com nossas experiências e do sentido que damos ao nosso mundo imediato que iniciamos a prática da leitura, sem termos que passar, necessariamente, pela educação formal, pela escola.

Ampliando nossa noção sobre o que é leitura, percebemos que o bom e verdadeiro leitor não é apenas aquele que consome textos em linguagem escrita, mas, isto sim, aquele que é capaz de dar sentido aos seus objetos de leitura, seja qual for a linguagem utilizada. Neste ponto reconhecemos o argumento central da obra, o de que a leitura é mais do que decifrar palavras; a leitura é sentido, significação e interação.

¹ Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais (UFPB) e Mestre em Ciência da Informação (UFPB). Ex-Professora da Escola Superior de Magistratura do Rio Grande do Norte (ESMARN), do Departamento de Direito Privado da UFRN e do Curso de Graduação em Direito da Faculdade para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (FARN). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Histórico-Jurídicas da Universidade de Lisboa (Portugal) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Jurídica e Instituições Políticas da Universidad de Zaragoza (Espanha). Coordenadora Adjunta do Curso de Direito da Faculdade de Natal – FAL.

Interação? Sim. Eis o terceiro elemento da leitura. Na relação que se estabelece entre o leitor e o que é lido, não estamos diante de posições polarizadas como a de *sujeito* e *objeto* (aquele como agente ativo e este como agente passivo da leitura). Quando estamos no exercício de qualquer leitura estamos *interagindo com*, é uma *inter-ação*, uma ação mútua, onde um influencia o outro, onde se contaminam tanto o leitor quanto o que ele ler.

Outro aspecto que merece destaque na obra em referência é a exclusão da idéia de hierarquia entre as várias leituras possíveis. A impressão dos sentidos humanos (leitura sensorial), a leitura dos acontecimentos (leitura emocional) e o questionamento de um assunto (leitura racional) são níveis de leitura que não se superam em grau de importância ou de conhecimento a ser transmitido. São igualmente importantes e podem ocorrer simultaneamente, revelando-se mais presente aquela que contempla nossas maiores vivências ou interesses, necessidades ou curiosidades.

Desse modo, a autora elimina também, e principalmente, as diferenças ou desigualdades entre os leitores. As diferenças ou desigualdades entre os letrados e os iletrados, entre os alfabetizados e os analfabetos. Rechaça o mito de que a palavra é a salvadora do “homem analfabeto” e que só através dela este poderia ser capaz de guiar seu próprio destino.

Nesse momento, comunga com o Pedagogo Paulo Freire do entendimento de que esse mito contribui para a manipulação das pessoas e responde a uma demanda ideológica dominante que não pretende seja o indivíduo sujeito de suas experiências (inclusive da experiência da alfabetização), uma vez que aos alfabetizados não são colocados os “porquês”, “como” e “para quê” aprendem a ler, os impossibilitando de compreender verdadeiramente a função da leitura e o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Com estas colocações não intenta a autora desprezar o diminuir a importância da decodificação dos símbolos lingüísticos, ao contrário, acentua que é igualmente importante, mas quer significar que a compreensão do mundo, o sentido das coisas, independem e precedem ao contexto escolar e ao texto escrito. Não seria apenas através dos métodos formais de ensino que aprenderíamos a atribuir significado ao que nos cerca.

Sobre a obra “O Que é Leitura”.

MARTINS, Maria Helena. *O Que é Leitura ?* 19º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.